Jovens, uma nova "nova direita" e suas esquerdas: um estudo sobre a posição política de jovens brasileiros

Giuvane de Souza Klüppel
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
giuvane_sk@hotmail.com

Matheus Mendanha Cruz
Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina
Papanduva - Santa Catarina - Brasil
matheusmcruz@live.com

Luís Fernando Cerri
Universidade Estadual de Ponta Grossa
Ponta Grossa - Paraná - Brasil
lfcronos@yahoo.com.br

Resumo: Com este trabalho pretendemos investigar os matizes ideológicas que fundamentam a emergência do que estamos chamando de uma nova "nova direita" no Brasil, que é aquela constituída pelos atores que compõe quadros de atuação política hoje, mas que se projeta em direção a um horizonte de futuro mais distante, dada a geração que integram, a saber, a juventude de hoje. Para isso utilizamos os dados do "Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina" (2020), que tem dentre seus objetivos buscar elementos para fundamentar reflexões entorno da cultura histórica e da cultura política de jovens latino-americanos. Para esta proposta o objetivo foi entender como os grupos à direita do espectro político em nosso material são caracterizados; como jovens identificados – a partir do recurso à bussola política – como "direita autoritária" e "direita democrática" se posicionam frente a alguns temas políticos, econômicos e sociais sensíveis; e quais são os meios de atuação política que estes jovens declaram integrar. Os resultados apontam que elementos de longa duração estão relacionados ao posicionamento dos jovens. A maior parte deles tendem a um posicionamento democrático. O perfil geral das direitas é de homens, de classe média, religiosos, nacionalistas e apegados à instituição familiar. As direitas, conforme pudemos atestar, são bastante plurais, e o posicionamento dentro desse espectro político pode variar, apesar do forte apego a instituições tradicionais e hierárquicas.

Palavras-chave: posição política. Cultura política. Jovens. Direita.

Introdução

Nossa proposta, com esse artigo, foi realizar um estudo sobre a posição política de jovens brasileiros em idade escolar. Nesse sentido, quando nos referimos a uma nova "nova direita" estamos falando desse grupo. Não se trata, dessa maneira, de uma nova

"nova direita" em termos epistemológicos tal qual têm representado a emergência de uma Nova Direita mundialmente, nas últimas décadas, mas sim de investigar como é que jovens à direita do espectro político, estes que constituem os quadros políticos hoje e que se projetam a um horizonte de futuro mais distante, se posicionam em relação a temas políticos e sociais sensíveis. Em outras palavras, tratamos da nova direita jovem, mas que dado os resultados a que chegamos poderia ser chamada também de uma nova "velha direita"[1]. Apesar de os dados que embasam nossas reflexões nesse artigo apontarem para um cenário que pode parecer dissonante ao que constitui os programas reacionários atualmente em curso, nossas problematizações trazem outras camadas que podem ser interessantes para se pensar determinadas relações entre jovens, política, sociedade, escola, e especificamente, História.

Para esse estudo, a disponibilidade de dois recursos foi decisiva. O primeiro recurso são os dados de que fazemos uso, fruto de um trabalho coletivo, do qual os autores fizeram parte, no contexto do *Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política e América Latina* (2020). O referido projeto consiste em uma pesquisa quantitativa que foi realizada no Brasil e em outros seis países da América Latina, e que tem como uma de suas finalidades problematizar relações entre a cultura histórica e a cultura política de jovens latino-americanos. Participaram dela estudantes de idade entre 15 e 18 anos, que responderam, no ano de 2019, um questionário com questões de múltipla escolha dispostas com base na escala Likert.

O outro instrumento é a bússola política organizada por Luís Fernando Cerri e Emerson Urizzi Cervi (no prelo) a partir de algumas questões adaptadas do projeto *The Political Compass* (2021), que foram incorporadas ao questionário e integradas aos dados do projeto. As respostas informadas pelos jovens a questões sobre política, economia e sociedade possibilitaram identificar tendências políticas entre cada um deles, formando, ao cabo, um mapa do arranjo político. Cada ponto em um plano cartesiano indica um respondente, e é calculado a partir de duas médias das respostas dadas, uma no âmbito econômico, outra no campo político/social. Essas informações geram um gráfico de dispersão sobre um plano cartesiano que agrega elementos relacionados à política, em termos de direita e esquerda, autoritário e democrático, e à economia, liberal e socialista. Nesse texto nos voltaremos à análise das características que constituem os jovens que tendem à direita, em dois grupos, direita democrática e direita autoritária. A adaptação

[1] Nossos resultados, afinal, não se distanciam de todo ao diagnóstico de estudos já com algumas décadas de distância, vide, por exemplo, o de Antônio Flávio Pierucci (1987).

da bússola política para o projeto também trocou o termo "libertário" por "democrático" no gráfico, por expressar mais fielmente o sentido do termo na realidade brasileira.

É importante considerar que, como qualquer outro índice estatístico, a bússola política também é passível de erros e problemas. Os resultados não servem para classificar os indivíduos em posições políticas estáticas, mas sim indicar tendências, afinal as médias de cada indivíduo não resultam de respostas unívocas, mas da média de respostas que são por vezes mais autoritárias e por vezes mais democráticas, e o mesmo no eixo econômico. Além disso, do mesmo modo que o diagrama de Nolan tem um viés que faz as respostas tenderem para seu criador, David Nolan, fundador do Partido Libertariano nos EUA, também a bússola política é elaborada por uma fundação britânica que elaborou suas perguntas a partir de um viés econômico liberal. Consideramos que tais problemas não ultrapassam as potencialidades dessa ferramenta: não se pretende "tatuar" de modo inequívoco nas pessoas a sua posição política, mas testar a validade de um instrumento que permita uma caracterização possível, entre outras, do pensamento dos jovens.

Na primeira parte desse artigo procuramos identificar os elementos que caracterizam os jovens à direita da bussola política: sexo, nível socioeconômico, tipo de escola que integram, importância dada ao país e à religião. Depois analisamos temas mais próximos à política, tentando entender como os jovens se relacionam com ela, no sentido do interesse que declaram ter pela política, mas também os meios de participação social que declaram integrar. Ao longo do artigo foi recorrente o resgate a referências que compõem as respostas dos jovens situados à esquerda do espectro político. O fato de a posição política ser um conceito relacional - que apenas adquire sentido se relacionado às outras posições que compõem o espectro político em determinado contexto histórico e geográfico - faz com que esquerda e direita sejam codependentes para a análise. Assim, para podermos refletir sobre o significado dos resultados encontrados entre os jovens à direita foi necessário recorrer aos jovens à esquerda, mesmo que estes últimos não tenham sido o foco deste artigo.

Uma nova "nova direita" em meio à multidão

O conjunto que analisamos é composto de 3.656 jovens, sendo 2.314 localizados à esquerda do espectro político e outros 795 condizentes a jovens à direita. Reconhecemos que existem muitas e disputadas definições de esquerda e direita, e

adotaremos, como distinção operacional, a proposição de Norberto Bobbio para quem a esquerda se define pela prioridade da igualdade sobre a liberdade e a direita, pela prioridade da liberdade sobre a igualdade (BOBBIO, 1995, p. 16 e ss.). Os dados de que dispomos não nos informam apenas a posição política em um eixo unidimensional: podemos dividir também esquerda e direita em dois subgrupos: democráticos e autoritários. Entre aqueles jovens de tendência à esquerda a imensa maioria, que corresponde a 73,5%, é constituído por uma esquerda democrática, enquanto 26,4% compõem uma esquerda de viés autoritário. Já entre os jovens à direita a diferença é menor: 52% são jovens que tendem ao autoritarismo e outros 48% à democracia.

Vale ressaltar que essas informações são obtidas a partir da resposta que os jovens dão a questões sobre política, aspectos socioculturais e economia, não correspondendo, necessariamente, à posição com a qual estes jovens se autodefinem, que é permeada por outras questões, estéticas e afetivas (MASON, 2018; BORBA, 2020), que extrapolam a disposição dos posicionamentos e argumentos pontuais registrados na bússola política[2]. Dessa maneira, apesar de nossos dados não serem representativos da realidade nacional, ao procurar abstraí-los, o que os mais de 70% de jovens à esquerda do espectro político nos dizem, é que pode haver uma propensão a valores e ideias encontrados à esquerda do espectro político, mas que encontram resistências - ou então que não encontram amparo - na prática política.

Depois de feito esse pequeno panorama acerca da disposição dos jovens, no geral, entre as quatro tendências políticas, entendemos ser válido subdividir cada uma dessas tendências por sexo. No questionário respondido pelos estudantes havia apenas a opção para marcar o sexo biológico, ou seja, masculino e feminino. Durante a elaboração do questionário, o grupo responsável optou por deixar de fora questões relativas ao gênero dos jovens. Essa escolha foi feita pelo grupo que organizou o questionário devido à dificuldade de organizar estatisticamente a variedade de gêneros possíveis. Entendemos isso como uma limitação que, entretanto, não anula as reflexões que podem ser feitas, assim como as que foram por nós realizadas. Tendo esclarecido esses aspectos, apresentamos abaixo as porcentagens da subdivisão das tendências políticas por sexo.

[2] Esse apelo de caráter mais emocional ajuda-nos a compreender, por exemplo, porque jovens que tendem à posicionamentos democráticos votariam em candidatos com perfis mais autoritários, como aponta a pesquisa de Cruz e Cerri (2018, p.147).

Tabela 1: Referente à composição dos espectros políticos em termos de sexo

	Masculino	Feminino
Direita autoritária	63,6%	36,4%
Direita democrática	51,8%	48,2%
Direita total	58%	42%
Esquerda democrática	37%	63%
Esquerda autoritária	54,2%	45,8%
Esquerda total	41,5%	58,4%

Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

A maior parte dos jovens que são identificados à direita do espectro político, somados democráticos e autoritários, são do sexo masculino, o que corresponde a 58% do total. Essa disposição não se repete no grupo à esquerda, onde o dado se inverte: 58,4% dos jovens são do sexo feminino. Mas há um ponto em comum entre os dois grupos, que pode ser visualizado se analisados separadamente o subgrupo que tende à democracia e o que tende ao autoritarismo. Entre os primeiros, à direita, há uma divisão mais ou menos similar entre os jovens do sexo masculino e as jovens do sexo feminino, conforme é possível visualizar na tabela acima. Já entre os que tendem à direita autoritária, prevalecem os jovens de sexo masculino, fenômeno que também pode ser visualizado entre os jovens à esquerda. A partir dessa comparação é possível traçar um desenho de como se constitui essa nova "nova direita". Trata-se de um grupo majoritariamente masculino, que é ainda mais volumoso onde são mais frequentes as ideias e apelos autoritários.

Com relação à articulação entre autoritarismo e sexo, em especial o fato de as jovens do sexo feminino apresentarem menor tendência autoritária, destacamos como possibilidade de compreensão o fato das mulheres terem seus direitos negados historicamente. Marilena Chauí (1995, p.74) indica que a própria estrutura da sociedade brasileira é autoritária. Esse fenômeno pode ser percebido em vários pontos, aqui gostaríamos de enfatizar a violência sofrida pelas mulheres, muitas vezes dentro da própria família. O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) disponibiliza no seu site vários indicadores, dentre os quais destacamos a quantidade de novos casos de violência a cada cem mil mulheres em 2019: 529,5 (CNJ, 2020). Se compararmos a taxa de homicídios de mulheres, em 2015, do Brasil com outros países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a situação fica mais alarmante, pois percebemos que o país lidera o *ranking*; infelizmente, até com certa folga (HRW, 2017). Como reação a esse cenário, atualmente há uma crescente por luta de igualdade entre os gêneros - ressaltando aqui a importância do movimento feminista como protagonista desse

processo –, o que traduz os interesses por mais aberturas democráticas no que se referem aos interesses das mulheres.

Nesse sentido, Isabela Kalil (2018), ao analisar o momento antes da oficialização da campanha eleitoral de Jair Bolsonaro, destaca uma maior adesão entre os homens, que nesse momento representam cerca de ¾ dos apoiadores; ainda segundo a autora, a mobilização de mulheres só ocorreu durante a campanha eleitoral, a partir de estratégias de comunicação que visavam a segmentação e diversificação da campanha, destacando a pauta moral e anticorrupção para conquistar o apoio de grupos identitários, de menor expressão entre os apoiadores, mas de potencial expressivo nas eleições, como as mulheres. Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco (2018) sublinham o lugar de "símbolo totêmico de identificação juvenil masculina", capitaneado pela "perda de protagonismo social e a sensação de desestabilização da masculinidade", que a figura de Jair Bolsonaro, como expoente de valores autoritários à direita, provoca nos jovens, evidenciando o lugar da masculinidade nos movimentos autoritários de direita.

Ainda com relação ao autoritarismo no Brasil, esse fenômeno deve ser considerado como uma constante de longa duração. O país passou por diversos governos que impuseram esse modelo; podemos pensar no Império (1822-1889) com seu poder moderador e o parlamentarismo às avessas; também é exemplo da constante autoritária o que ficou conhecido como República da Espada (1889-1894), primeiro período da República em que a liderança esteve nas mãos dos militares Deodoro e Floriano Peixoto; podemos citar ainda o governo de Getúlio Vargas, principalmente o Estado Novo (1937-1945), onde impôs-se um modelo com contornos fascistas; por fim, os 21 anos em que o Brasil foi governado sob a liderança dos militares (1964-1985).

Mas os exemplos não se limitam nos termos da configuração política do país, haja visto que os períodos citados acima, que constituem a maior parte da história independente do Brasil, não são resultados diretos da escolha da população - ou então da população como um todo, se pensarmos que o sufrágio universal data da constituição de 1988. Assim, se, sob outro prisma, observarmos os movimentos de massa, como o integralismo, podemos notar sua capilaridade entre a população. Outros exemplos são o apoio civil ao Golpe Militar de 1964, e mesmo o apoio ao projeto autoritário atualmente em curso.

Outro fenômeno que é comum na temporalidade da longa duração à tradição autoritária são as estreitas ligações com a igreja, herança do império, onde o catolicismo foi a religião oficial do Estado. No mesmo sentido, Vargas recebe apoio da Igreja e em

1964 um dos eventos mais significativos de apoio ao golpe foi a *Marcha da família com Deus pela liberdade*, movimento ligado à igreja católica. Essa influência religiosa cristã é relevante porque é uma das bases para o discurso de manutenção da organização social patriarcal. Ou seja, é possível que os jovens de sexo masculino acabem por ter uma postura mais autoritária por naturalizarem seus privilégios.

Para percebermos melhor a relação da política com a relevância da religião apresentamos o gráfico abaixo que demonstra as médias das respostas dos estudantes quando perguntados sobre a importância da religião para eles, se é possível ser moral sem ser religioso e se é importante que a escola transmita valores religiosos. A tabela abaixo se baseia na escala Likert e está organizado conforme o posicionamento político dos jovens, sendo discordo totalmente (-2), discordo (-1), nem concordo nem discordo (0), concordo (1) e concordo totalmente (2).

Tabela 2: Religião e sociedade por tendência autoritária: médias

	9. A importância da religião para você	31.3. É impossível ser moral sem ser religioso	31.4. É importante que a escola de meu filho transmita valores religiosos
Direita autoritária	0,99	0,48	0,57
Direita democrática	0,68	-0,67	-0,45
Esquerda democrática	1,08	0,02	0,40
Esquerda autoritária	0,68	-1,06	-0,89

Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

Com o gráfico acima, destacando primeiramente os dados referente à questão 9, podemos observar que há uma média alta de relevância da religião em todos os grupos, demonstrando que na cultura política brasileira esse é um fator bastante significativo. Esses dados corroboram com o que percebemos empiricamente observando a existência e a expressão que tem a chamada Bancada da Bíblia no Congresso Nacional[3], ou mesmo as frequentes referências religiosas feita pelo atual presidente, as idas de candidatos a igrejas em período de eleição, ou ao fenômeno crescente de vinculação de candidatos religiosos à vida pública[4], para citar alguns exemplos. Entre os jovens que participaram de nossa pesquisa, a relação com a religião é mais intensa para os que tendem ao autoritarismo, tanto à direita quanto à esquerda. Essa intensidade não está relacionada

[3] Durante a escrita desse artigo, mais de um terço dos deputados federais da 56ª. legislatura são signatários da Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional, uma das frentes de maior expressão nessa casa legislativa (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019).

[4] Apenas nas eleições deste ano o número de candidatos a vereadores com títulos religiosos aumentou mais de 40% em comparação com as eleições municipais de 2016, aumento superior ao aumento no número de candidatos, que foi de 16% (OBSERVATÓRIO DAS ELEIÇÕES, 2020).

apenas à média de importância que os jovens dão à religião – informação que é mais acentuada entre os jovens de esquerda democrática –, mas também, e em especial, à imposição desses valores religiosos na sociedade. Esse segundo dado torna mais significativa a análise da relação com a religião já que a primeira pergunta é num tom mais pessoal.

Quando migramos da vida privada para a sociedade percebemos a diferença política nos posicionamentos dos jovens sobre relações entre religião e sociedade. Com a tabela acima é possível notar que os jovens autoritários, principalmente os de direita, são os que mais apoiam as ideias de que a escola deve transmitir valores religiosos e que a moralidade, o certo e o errado, deve ser regulado pelas doutrinas religiosas. Interessante destacar que os jovens democráticos, tanto à direita quanto à esquerda, discordam em média (a média é negativa) com a imposição da religião, embora tenhamos visto na questão 9 que a religião tem relevância pessoal parecida para ambos os grupos.

Em linhas gerais, podemos afirmar que a diferença de posicionamento está no fato de os jovens de direita autoritária demonstrarem, pelo menos no aspecto religioso, que são os que mais desejam impor os seus padrões pessoais à sociedade, agindo, de fato, de maneira autoritária, ainda mais do que os jovens de esquerda autoritária, onde as opiniões a esse respeito se dividem (podemos constatar isso a partir da média, próxima a 0). Esses dados, principalmente da pergunta sobre moralidade, nos auxiliam a perceber o caráter conservador ligado à religião que persiste nesse grupo político[5].

Outra informação significativa para entendermos quem são os jovens que tendem à direita é o lugar socioeconômico em que se encontram. Assim, nos ateremos agora na busca de perceber se há uma relação entre nível socioeconômico dos respondentes com o fato de demonstrarem tendência mais autoritária ou mais democrática. Para que possamos lograr êxito cruzamos os dados do nosso instrumento com os do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INPE), que, por sua vez, gerou um indicador com base nos dados do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb) de 2015 (GOV.BR, [s/d.]). Esse Indicador de Nível Socioeconômico (INSE) visa sintetizar de maneira unidimensional

[5] Outro dado que gostaríamos de destacar é que se considerarmos que os jovens que declaram que a religião não tem importância em suas vidas como jovens sem religião (8,5%), podemos constatar que esses dados são próximos aos dados oficiais sobre a religiosidade no Brasil, como aqueles do censo demográfico de 2010, por exemplo (IBGE, 2010). Isso mostra que, apesar de nossos dados não serem representativos, eles estão alinhados a pesquisas oficiais, o que reforça nosso argumento de que, não obstante, são dados significativos.

informações sobre a escolaridade e a renda familiar dos responsáveis. O INSE classifica de 1 a 6 as escolas brasileiras, sendo 1 as com maior vulnerabilidade social e 6 as com estudantes de maior nível socioeconômico.

A tabela a seguir apresenta as porcentagens válidas[6] do cruzamento dos tipos de escola que participaram da coleta de dados do *Residente* com o seu respectivo INSE.

Tabela 3: Nível socioeconômico por escola: percentual

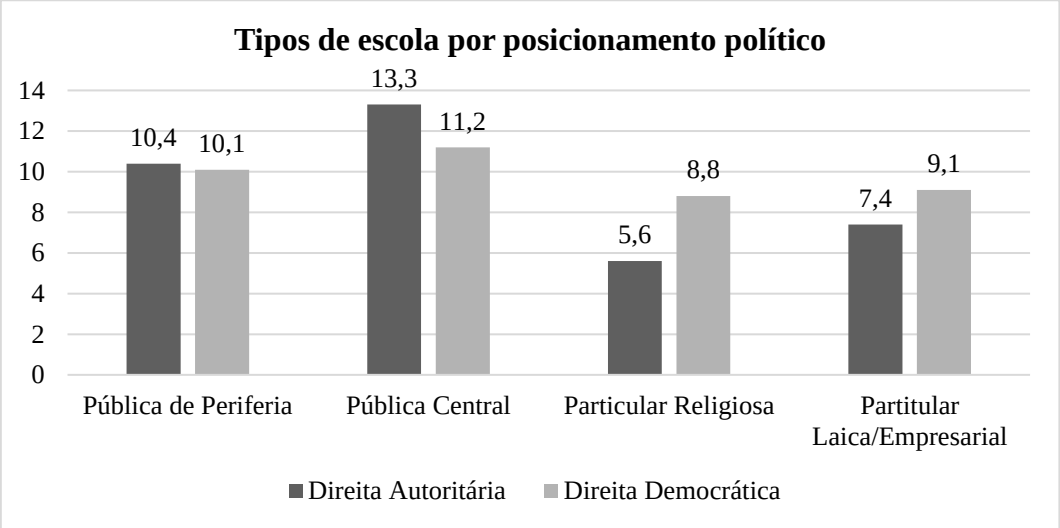
Tipo de escola	INSE	Porcentagem
Pública de Periferia	2	9,2
	3	52,8
	4	37,9
Pública Central	1	9,1
	3	40,8
	4	37.0
	5	10,7
	6	2,5
Particular Religiosa	5	38.0
	6	62,0
Particular Laica/Empresarial	3	24,5
	5	12,1
	6	63,4

Fonte: Projeto Residente, 2020 e Inep. Organizado pelos autores.

Com os dados acima é possível perceber que os estudantes das escolas particulares pertencem a um nível socioeconômico mais abastado, em especial os de escola Particular Religiosa, enquanto a escola Pública Central é a que alcança a uma maior diversidade de público, atendendo a estudantes de quase todos os grupos sociais. Ainda gostaríamos de destacar que a escola Pública de Periferia está abaixo dos dois níveis mais altos. Tendo em vista essas informações, propomos a análise do gráfico a seguir, onde cruzamos os tipos de escola com o posicionamento político para procurar entender se há relação entre os dados sobre a condição socioeconômica e a posição política.

[6] A utilização desse índice condicionou-se à existência dos dados referentes às escolas onde o projeto foi aplicado. Por conta disso, os dados da tabela abaixo se referem a 1.823 dos 3.656 jovens respondentes.

Gráfico 1: Tipos de escola por posicionamento político: porcentagem

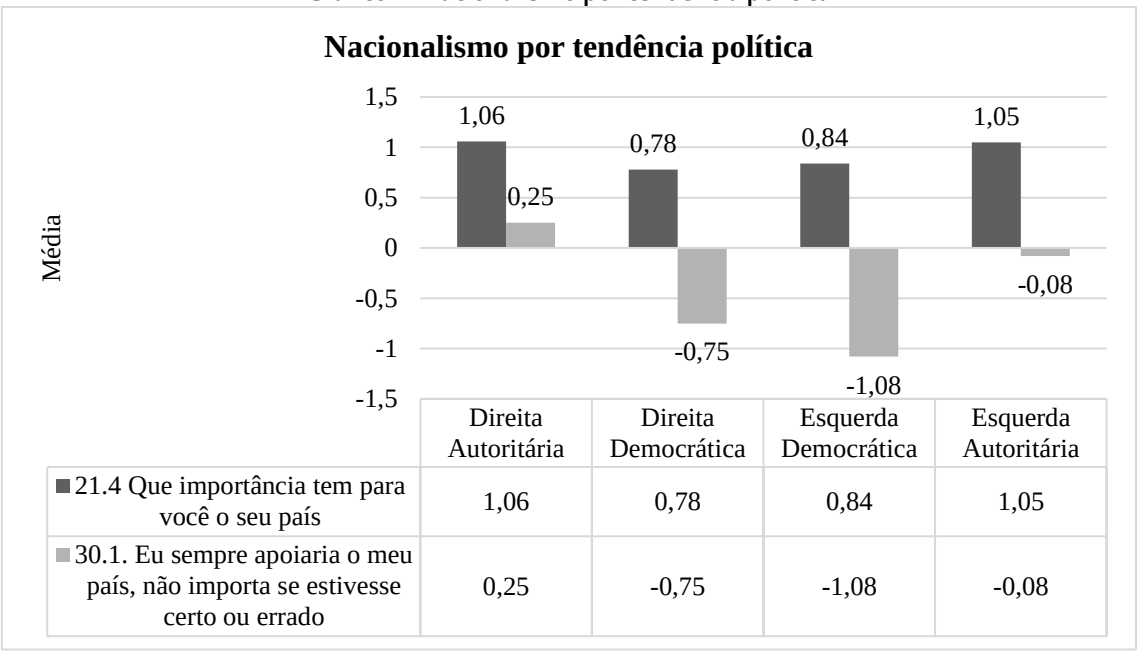


Fonte: Projeto Residente, 2020. Organizado pelos autores.

A partir do gráfico acima podemos ver que há dois espaços onde o número de jovens autoritários é maior. Primeiro na escola pública central, onde a maior parte dos jovens integra a classe média. A relação entre os jovens de tendência autoritária e os estratos médios pode estar relacionado à gênese histórica de constituição das classes médias no Brasil. Com relação a isso Paulo Mercadante (1980) em *A consciência conservadora no Brasil* aponta que o conservadorismo brasileiro está relacionado à formação da classe média, que remonta à Guerra do Paraguai e ao status que as forças armadas alcançaram em decorrência desse conflito. Ou seja, ela se constitui no interior da estrutura militar, em meio aos ideais do positivismo, do militarismo e do liberalismo. O segundo espaço é o das escolas públicas de periferias, onde Pinheiro-Machado e Scalco (2018) e Kalil (2018), identificam em suas pesquisas o apoio a projetos autoritários por jovens como resposta a uma crise existencial derivada da sensação de "perda do mundo", que assume contornos específicos na realidade de morador da periferia, em especial por conta de problemas relacionados à segurança pública (PINHEIRO-MACHADO; SCALCO, 2020, p. 4).

Para encerrar essa seção trabalharemos com as médias de duas questões que tem como finalidade entender qual o grau de importância atribuído ao país e se há ou não um apoio incondicional a ele. Nossa intenção aqui é entender qual a relação estabelecida pelos jovens para com a nação e o nacionalismo.

Gráfico 2: Nacionalismo por tendência política



	Direita Autoritária	Direita Democrática	Esquerda Democrática	Esquerda Autoritária
21.4 Que importância tem para você o seu país	1,06	0,78	0,84	1,05
30.1. Eu sempre apoiaria o meu país, não importa se estivesse certo ou errado	0,25	-0,75	-1,08	-0,08

Fonte: Projeto Residente, 2020. Organizado pelos autores.

Os dados do gráfico acima demonstram que para os respondentes o país tem uma importância significativa, nos quatro grupos. Percebemos também que os jovens de tendência autoritária declaram que o país tem uma maior relevância para si. Quanto ao apoio incondicional ao país, apenas os jovens de tendência de direita autoritária apresentaram uma resposta média positiva, os outros três grupos rejeitaram, em média, essa afirmativa. Em resumo, quanto aos jovens de direita, os autoritários apoiam em média o país de forma incondicional, enquanto os democráticos não. Essa relação messiânica para com a nação não é nova no cenário político brasileiro. Exemplo dessa postura pode ser percebido no *slogan* utilizado durante a ditadura civil-militar brasileira: *Brasil, ame-o ou deixe-o*. Esse posicionamento está em consonância com o discurso do atual presidente, já que o mesmo foi eleito com o seguinte lema: *Brasil acima de tudo, Deus acima de todos*[7].

O nacionalismo, segundo Eric Hobsbawm (1990) e Benedict Anderson (2008), está relacionado ao desenvolvimento do capitalismo industrial e de burguesias locais, mas mantém caráter popular porque pressupõe a superação das tensões entre classes sociais em prol de uma nação. Luiz Carlos Bresser-Pereira (2008, p.173) destaca o perigo do nacionalismo afirmando que, "quando radicalizado, define-se em termos étnicos, deixa

[7] Ambos os slogans encontram equivalentes em seu respetivo contexto nos EUA, na confrontação ao movimento anti-Guerra do Vietnã, *America Love it or leave it*, e *Wright or wrong, my country*, e mais recentemente *America First*, durante o governo do ex-presidente Donald Trump.

de se definir por elemento de competição internacional, se volta internamente contra os compatriotas de outras raças ou religiões, e se transforma em racismo". Hobsbawm (1990, p. 132) aponta que "os liames entre o racismo e o nacionalismo são óbvios", podendo ser identificados junto à demanda pela "pureza" étnica/linguística. Podemos citar como exemplo desse processo na história mundial o Nazismos que perseguiu os judeus, mesmo aqueles nascidos na Alemanha. No Brasil podemos falar da eugenia, uma dentre outras práticas que embasaram políticas de branqueamento que buscavam apagar traços fenotípicos negroides e construir uma população branqueada. Ou seja, o processo de radicalização do nacionalismo étnico se mostra bastante perigoso para à vivência democrática.

Em linhas gerais, no sentido de delinear o perfil desses jovens estudantes com tendência à direita, podemos depreender que esse grupo é divido quase igualitariamente entre jovens que tendem à democracia e ao autoritarismo. Entre esses últimos a imensa maioria é do sexo masculino. É significativa a presença de jovens das camadas média e baixa da população. Esses jovens, assim como os jovens que tendem à esquerda, tem a instituição familiar, a religião e a nação como relevantes para si. No caso dos que seguem a vertente autoritária, há uma defesa da imposição dos seus modelos pessoais para os demais, assim como a demonstração de um apoio incondicional ao país. Outro ponto significativo é que parece haver mais semelhanças entre jovens de tendência autoritária em ambos os espectros, do que entre os que são identificados como à direita, o que demonstra como esse grupo pode ser diverso, e como os caminhos dos autoritarismos podem estar próximos. O mesmo acontece com os jovens que tendem à democracia.

Esses primeiros resultados servem para realçar aquilo que comentamos rapidamente na introdução deste artigo: a semelhança entre os grupos, que estamos caracterizando como "nova 'nova direita'" e uma hipotética "nova 'velha direita'". Nesse sentido Daniel Aarão Reis (2020) ressalta no contexto brasileiro a originalidade do *movimento* que levou à ascensão da extrema-direita ao poder – de caráter heterogêneo e de bases múltiplas e plurais, quando não instável, dispersas e mutáveis, como que em um "estado gasoso" que dificulta sua conceituação –, mais do que suas *concepções*, essas com raízes de longa e média duração na história brasileira. De fato, o que parece acontecer é mesmo uma mudança na forma, mas não tanto no conteúdo[8]: novos sujeitos,

[8] Com relação à centralidade que tem o *modus operandi* na definição e na atuação da Nova Direita, João Elter Borges Miranda (2020) destaca o papel central nesse processo do que chama de Aparelhos Privados de Hegemonia (APH), em especial a partir do ano 2004. Camila Rocha (2015) aponta que é justamente a

novas ou renovadas insatisfações, novos meios e mídias, mas velhas bases, ideais e concepções. Na próxima secção procuramos tratar um pouco mais das formas, mas não sem ponderar sobre o conteúdo.

Bases políticas de uma nova "nova direita"

Para finalizar este texto vamos analisar ainda algumas questões relacionadas à política, tanto o interesse que os jovens declaram por política, como os meios de participação política que os jovens integram. Para tanto abordaremos duas questões do questionário, analisando-as em conjunto.

Começaremos com os meios de atuação social e política, dispostos na tabela abaixo. Nesta questão os jovens foram orientados a marcar mais de uma opção, se necessário. Por conta disso a soma das porcentagens é maior do que 100. Outra informação relevante é que a porcentagem referente à participação em cada um desses espaços refere-se ao montante dos jovens de cada grupo menos os que responderam apenas à última questão, "não participo de nenhum movimento social ou político". Houve casos em que essa mesma questão foi marcada junto a outras. Essa situação parece constituir duas chaves de leitura possíveis: que os jovens não entendem sua participação nas redes sociais, em grupo de jovens da igreja, ou em relação a temas como meio ambiente ou moradia como participação política; também pode ser entendido como "não participo de [mais] nenhum movimento social ou político". Para os propósitos desse trabalho consideramos a segunda hipótese.

partir desse contexto, em reação à eleição de governos de esquerda na américa latina, que os *think tanks* ("instituições permanentes de pesquisa e análise de políticas públicas que atuam a partir da sociedade civil, procurando informar e influenciar tanto instâncias governamentais como a opinião pública no que tange à adoção de determinadas políticas públicas" [Ibid., p. 262]) de direita acabam sofrendo mudanças em termos quantitativos e qualitativos. Esses estudos mostram como há uma grande ênfase intencional dos movimentos de direita pelas formas de transmissão dos discursos.

Tabela 4: Resposta à pergunta sobre participação social ou política

	Direita autoritária	Direita democrática	Esquerda democrática	Esquerda autoritária
Movimento estudantil	54,6%	51%	53,2%	52,8%
Militância político-partidária	15,1%	12,5%	7,7%	7%
Movimentos de reivindicação social (moradia, transporte, etc.)	26,2%	28%	29,5%	26,9%
Discuto e compartilho temas políticos nas redes sociais	21,2%	28,3%	36,4%	23,6%
Grupos de jovens na igreja	41,3%	37,6%	36,3%	50%
Grupos ambientalistas	14%	20,6%	16%	13%
Movimentos etnicorraciais	6,4%	13%	14,7%	7%
Movimentos de identidade de gênero	13,3%	19%	27,5%	15%
Movimentos político não vinculados a partidos	13,3%	12,5%	16,4%	9,3%
Não participo de nenhum movimento social ou político	30,6%	34,1%	36,4%%	35,4%

Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

Tendo esclarecido esses pontos, podemos ver na tabela acima que o grupo em que há uma menor taxa de jovens que declara não participar de nenhum meio de atuação política e social é, primeiro, a direita autoritária (30,6%). Se fizermos uma comparação limitada às tendências políticas é possível notar que a direita como um todo tem uma taxa menor de jovens que declaram não participar de nenhum dos meios de atuação política. Para os jovens de tendência à direita destaca-se ainda a participação na militância político-partidária, que em ambos os espectros têm uma diferença significativa para a esquerda. Há alguns espaços que são mais preenchidos por democratas, como grupos ambientalistas, movimentos étnico-raciais, de identidade de gênero e de reivindicação social, mas apenas um mais ligado aos autoritários – à esquerda e à direita –, que são os grupos de jovens na igreja. No caso específico dos jovens de direita autoritária tem relevância ainda a participação em movimento estudantil e em movimentos não vinculados a partidos, que tem uma adesão maior do que o espectro oposto.

Um aspecto interessante, que tem relação com a participação política dos jovens é o interesse pela política. Conforme é possível visualizar na tabela abaixo, não obstante a taxa de participação em movimentos políticos e sociais dos jovens de direita ser maior do que os do de esquerda, eles tendem, no geral, a declarar menos interesse por política. Se, entretanto, observarmos essa informação separando os jovens por sexo vemos que essa relação de desinteresse pela política é mais aguçada entre as jovens do sexo feminino, enquanto para os jovens do sexo masculino a média é positiva (ou seja, há mais jovens que declaram ter interesse pela política do que aqueles que declaram não o ter),

apesar de haver uma divisão nas opiniões. Os que mais demonstram interesse são os do campo democrático, em especial de direita democrática, e depois os de esquerda democrática e de direita autoritária, em todos esses casos jovens do sexo masculino.

Tabela 5: Interesse pela política

	Média Geral	Feminino	Masculino
Direita autoritária	-0,17	-0,46	0,04
Direita democrática	-0,09	-0,32	0,16
Esquerda democrática	0,01	0,01	0,04
Esquerda autoritária	-0,21	-0,33	-0,8
Média geral	-0,07	-0,13	0,03

Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

A partir dos dados acima, observamos que as meninas de tendência à direita, em especial autoritária, apresentam em média significativo desinteresse por política. Levantamos como hipótese para isso que pode haver, entre elas, a ideia da política ser feita por outras pessoas, que se dedicam à sua atividade para que os demais possam seguir com suas vidas particulares, sendo essa ideia advinda da ideia de hierarquização, inerente a tendências autoritárias. O caráter personalista da cultura política brasileira[9] de imaginar um herói que salvará o país dos seus problemas lança base para que a hierarquização político-social seja naturalizada e, por isso, persista um modelo de cooptação e não o desenvolvimento de uma democracia feita a partir das bases sociais. Rodrigo Borba aponta que esse tipo de afeto é a trama e a urdidura da política no Brasil, segundo ele

> os políticos mobilizam afetos, que, por sua vez, produzem formas conflitantes de pertencimento e se tornam centrais para forjar o apoio de diferentes grupos que se unem não apenas por lealdades ideológicas, mas também, e talvez o mais importante, por causa dos vínculos afetivos que constroem com a figura de seu líder[10] (BORBA, 2020, p. 2-3, traduzido pelos autores).

Outro ponto que pode auxiliar na compreensão dos dados acima, e que se relaciona com o que foi desenvolvido no parágrafo anterior é o fato dessas tendências à direita estarem mais ligadas ao conservadorismo e a manutenção do *status quo* que está posto historicamente, onde as coisas públicas referem-se aos homens, que, nesse sentido,

[9] Elis Radman (2001) indica que os eleitores acabam por escolher os nomes com os quais já estão familiarizados no momento da eleição. Baquero (2001, p.100) aponta que "os pleitos eleitorais têm se caracterizado, ao longo do tempo, por apelos subjetivos, emocionais, personalista e clientelistas".

[10] No original: "politicians mobilize affects, which, in turn, produce conflicting forms of belonging and become central to forging the support of different groups who come together not only because of their ideological allegiances but also, and perhaps most importantly, because of the affective attachments they build with the figure of their leader".

são as "outras pessoas" que se dedicam à política. Se observarmos, por exemplo, a narrativa histórica que canonicamente é ensinada na educação básica podemos perceber que é tratado com certa naturalidade a exclusão política da mulher, passando por exemplos muito pontuais de exceções que dão a impressão de confirmar uma regra.

Dentro da direita brasileira, de forma mais específica, esse *status quo* também se mantém a partir de outros espaços de sociabilidade, como, por exemplo, a institucionalização do cristianismo através das interpretações religiosas e estruturas eclesiásticas que excluem mulheres de participarem de decisões relevantes e dificultam a exposição de suas ideias. Essa hipótese ganha força quando olhamos para os dados já apresentados em que a religião tem uma posição significativa na vida dos jovens respondentes e que os de tendência mais autoritária acabam por tenderem a apoiar a imposição de seus modelos, inclusive religiosos, aos demais.

Por partes dos jovens de sexo masculino, de outro lado, existe uma média positiva no tocante ao interesse por política. Essa dinâmica - onde os meninos apresentam em média mais interesse do que as meninas - se repete nos dados gerais e entre os jovens de esquerda democrática, sendo apenas entre a esquerda autoritária que os jovens do sexo masculino apresentam menos interesse do que as de sexo feminino. Apontamos como um caminho para se pensar essa tendência – das meninas à direita se interessarem, em média, menos que os meninos pela política –, a falta de representatividade no ambiente institucional da nossa democracia. Se observarmos a câmara federal percebemos que ela é constituída na sua maioria por homens, embora a maioria de eleitores seja formada por mulheres[11]. Outro dado que merece ser destacado é que dos 16.499.493 eleitores filiados a partidos políticos no momento de escrita desse artigo, 9.015.650 são homens, 7.476.783 são mulheres e 7.060 não tem gênero informado (TSE, 2020). Com isso percebemos a manutenção da dinâmica de haver mais homens nos partidos políticos do que mulheres, mesmo com o fato da maioria do eleitorado ser feminina.

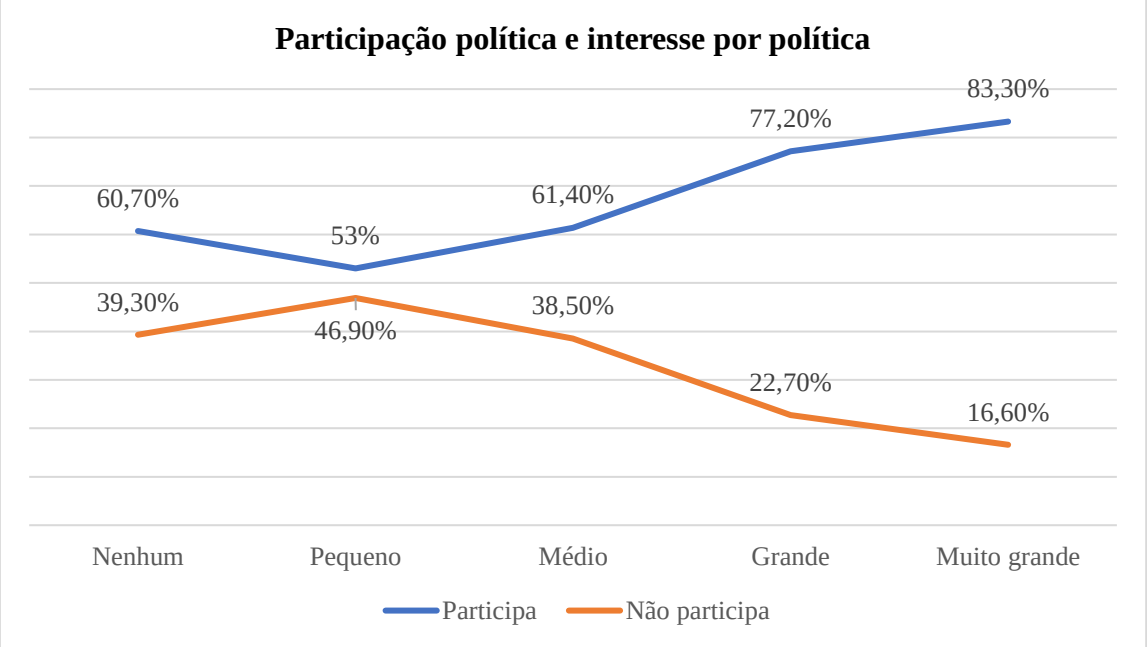
Os dados não nos auxiliam a saber, entretanto, se o fato de existir menos mulheres na política institucional em âmbito federal torna as meninas com tendências de direita menos interessadas, em média, pela política; ou se é o contrário: é o fato de ter menos meninas interessadas em política que torna mais enxuto o quadro feminino nos partidos dessas tendências. De toda forma, entendemos que ambos os fenômenos estão

[11] As mulheres são menos de 20% dos deputados federais em atividade no momento de escrita desse artigo, conforme os dados da câmara. No ano de 2020 as mulheres correspondem a 52,5% do número total de eleitores, segundo os dados do TSE (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2019b).

ligados e se retroalimentam, tornando assim relevante políticas públicas como a obrigatoriedade de 30% de mulheres por chapa em eleições proporcionais. Com relação às jovens de esquerda autoritária, que tem em média mais interesse por política do que os jovens nesse mesmo espectro, apontamos como chave de leitura a assimilação de pautas identitárias e de inclusão social pela esquerda.

Outra informação significativa, que é comum a todas as posições políticas, e que deixa ainda mais explícita a partir de nossos materiais a relação entre interesse, participação e representação, é que quanto maior o interesse dos jovens, no geral, por política[12], maior a taxa de participação em movimentos políticos ou sociais, e menor a taxa de jovens que responderam a "não participo de nenhum movimento social ou político". Podemos visualizar isto que estamos dizendo na tabela abaixo, onde cruzamos a informação sobre a taxa de participação política – desta vez sem discriminar os espaços e movimentos – com os grupos que responderam a cada uma das consignas sobre o interesse pela política.

Gráfico 3: Porcentagem de participação social/política dividido pelo interesse por política



Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

[12] Há uma ressalva com relação a "nenhum" e "pequeno interesse". Pensamos que podem tratar-se de alternativas equívocas, e não unívocas, ou seja, que pode gerar mais de uma interpretação por parte dos jovens. Isso pode estar relacionado ao não entendimento de determinados espaços como meios de participação política, como apontamos anteriormente.

Se discriminarmos as tendências políticas é possível visualizar que todas elas se deslocam em uma mesma direção, no sentido de uma maior taxa de participação em movimentos políticos e/ou sociais entre aqueles e aquelas jovens que têm mais interesse por política, e, do contrário, de uma menor taxa de não participação conforme o maior interesse por política. Na tabela abaixo podemos observar essa relação subdivida entre as diferentes tendências. O que é curioso no espectro político à direita é que entre os jovens de direita autoritária somente há uma taxa de participação menor entre aqueles que declaram pequeno e médio interesse por política. Por outro lado, entre aqueles que declaram grande ou muito interesse por política há mais jovens democratas que participam de movimentos sociais e/ou políticos. Ou seja, entre os jovens de tendência democrata há uma tendência de participação que acompanha o nível de interesse por política, enquanto entre os jovens de perfil autoritário há, comparativamente, maior índice de participação nos menores níveis de interesse por política.

Tabela 6: Porcentagem de participação social/política dividido pelo interesse por política e posição política

	Direita autoritária	Direita democrática	Esquerda democrática	Esquerda autoritária
Nenhum	64,6%	65,2%	56%	62%
Pequeno	67,9%	55,3%	50,4%	49,1%
Médio	66,2%	57,2%	60,3%	64%
Grande	77%	82,2%	75%	81,8%
Muito grande	78,5%	81,2%	86,9%	76,7%

Fonte: Dados do *Projeto Residente*, 2020. Organizado pelos autores.

No geral, entretanto, o interesse por política e o nível de participação política variam juntos, como ressaltamos no gráfico 4. Pensamos que é nesse sentido que a representatividade, no caso das jovens, tem um papel central nos níveis de interesse por política negativo que elas, no geral, declaram. Haja visto que o grupo da direita autoritária é constituído majoritariamente por jovens do sexo masculino, poderíamos levantar, preliminarmente, a hipótese de que o interesse por política não é tão determinante no sentido da participação social/política quanto entre as jovens, que tem um peso maior no grupo de direita democrática, onde os níveis de interesse e participação variam mais.

Um mapeamento dos espaços em que as jovens, em específico, participam, é um esforço a ser realizado em outro trabalho. O que se mostra significativo na análise realizada nesta secção são as especificidades, no tocante a interesse e participação, que caracterizam o grupo à direita do espectro político, no geral, e os subgrupos compostos

por democratas e autoritários, em específico. Os e as jovens que tendem à direita tem uma participação maior em movimentos mais tradicionais, que, em detrimento dos outros poderiam ser mais facilmente compreendidos como definitivamente políticos, além de declararem uma participação social/política maior, que varia no mesmo sentido do interesse por política. Este mesmo cenário não pode ser circunscrito entre as jovens de direita que, no geral, apontam para um desinteresse. Mais pesquisas são necessárias para entender quais são as diferenças de participação entre os e as jovens.

À guisa de conclusão

Procuramos explorar, com esse artigo, algumas questões pertinentes no sentido de traçar um breve perfil dos jovens que integram nosso material. Também tivemos como objetivo, para além disso, refletir sobre a cultura política dos jovens à direita do espectro político, traçando hipóteses de leitura com o intuito de auxiliar àqueles que futuramente possam se aventurar no trabalho com esses dados. Alguns pontos mais gerais – para além daqueles que destacamos ao longo desse artigo – merecem ser sublinhados. Primeiro que podemos perceber que entre as direitas existem algumas semelhanças e dissemelhanças, mas que talvez sejam mais próximos os subgrupos democrático e autoritário em ambos os espectros, à direita e à esquerda, do que as duas tendências no interior da direita. É claro que isso varia junto com os temas que são observados, sobre economia, ou política e sociedade. Nesse ponto, vale a ressalva de que as direitas

> não são peças de um quebra-cabeça que pudessem ir se encaixando como subconjuntos independentes, formando um todo harmonioso e confinado. Elas se interpenetram, reagem uma sobre a outra, se misturam às vezes, se fagocitam sempre, aqui se enriquecem, ali se anulam, aqui aparecem e ali se escondem, feito massas estelares, distintas, mas nem por isso menos nebulosas" (PIERUCCI, 1987, p. 40).[13]

O que parece ter um lugar central entre as posições são as diferentes dimensões que parecem gravitar nosso material. Nesse sentido, desconsiderando os elementos estéticos e afetivos que possivelmente ficam de fora das respostas dos jovens no momento

[13] Nesse sentido, pode ser interessante mencionar o esforço realizado por William Carlos Cipriani Barom (2021, p. 199) que testou - a partir das mesmas fontes utilizadas por nós nesse trabalho - a correspondência de perfis que compõe as direitas nas redes sociais com o posicionamento dos jovens que participaram do *Projeto Residente*. O que ele verifica na análise dos estereótipos é "uma diversidade tão expressiva de grupos que o próprio diagnóstico estatístico se tornou desnecessário, sendo a totalidade da amostra uma infinidade de subgrupos minúsculos que se assemelham entre si".

de se ater a cada tema ou questão com a qual se depararam ao responder ao questionário[14] podemos visualizar uma juventude de maneira geral progressista, em especial se lembrarmos que a parte mais expressiva deles e delas se situa no espectro à esquerda. Se colocarmos ainda outros recortes podemos entender que as jovens são, em âmbito geral - dado o lugar que se colocam - ainda mais progressistas, e parecem assumir posições bastante curiosas e diversas daquelas dos jovens. Estamos pensando nesse momento, em específico, na relação com a política. Mais pesquisa e mais reflexões são necessárias no sentido de compreender outras relações que podem ajudar a entender o perfil dessas jovens.

De maneira geral também se torna significativo o lugar da direita. Suas raízes, dado o que pudemos depreender do trabalho realizado nesse artigo são extensas, de longa duração, e remetem à "raiz" no sentido de base, origem. Muitos dos temas que têm embasado historicamente a constituição de um grupo identificado como "direita", tal qual a religião, a nação, a família - todas as três não curiosamente instituições tradicionais e hierárquicas -, gozam de um lugar de destaque no rol de importância dados por esses jovens. As relações, entretanto, como tentamos apontar, são mais complexas no momento que entendemos que essas raízes seguem caminhos diversos e estabelecem ramificações em detrimento de diversos elementos, como, no caso que analisamos, o sexo. Apesar de os dados quantitativos trazidos por nós não se encerarem em si mesmos, eles nos parecem ser bastante significativos como um ponto de partida para reflexões futuras, futuras raízes, futuros frutos.

[14] Em relação aos afetos, Rodrigo Borba (2020, p. 5, tradução nossa) afirma que ele "não simplesmente vibra / ressoa / circula, mas é dependente de processos comunicativos e ideologias de comunicação que é estruturada por iniquidades de poder e acesso a recursos semióticos". No original: "affect, however defined, does not simply vibrate/resonate/circulate but is dependent on communicative processes and ideologies of communication that are structured by inequities of power and access to semiotic resources".

YOUNG, A NEW "NEW RIGHT" AND THEIR LEFTS: A STUDY ON THE POLITICAL POSITION OF YOUNG BRAZILIANS

Abstract: With his work we intend to investigate the ideological nuances that underlie the emergence of what we are denominating a new "new right" in Brazil, which is the one constituted by the actors who make up the political action frameworks today, but which is projected towards a horizon of more distant future, given the generation that integrates, namely, the youth of today. For that, we used the data from the research project named "Projeto Residente: Observatório das relações entre jovens, história e política na América Latina", which has among its objectives to seek elements to base reflections on the historical and political culture of young Latin Americans. For this proposal, the objective was to understand how the groups to the right of the political spectrum in our material are characterized; how young people identified – from the use of the political compass – as "authoritarian right" and "democratic right" position themselves in relation to some political, economical and social themes; besides what are the means of political action that these young people declare to integrate. The results indicate that long duration elements are related to the positioning of young people. Most of them tend to have a democratic position. The general profile of the young people on the right is men, middles class, religious, nationalist and attached to the family institution. The rights, as we were able to attest, are quite plural, and the positioning within this political spectrum can vary, despite the strong attachment to traditional and hierarchical institutions.

Keywords: political position. Political culture. Young. Right.

JÓVENES, UNA NUEVA "NUEVA DERECHA" Y SUS IZQUIERDAS: UN ESTUDIO SOBRE LA POSICIÓN POLÍTICA DE JÓVENES BRASILEÑOS

Resumen: Con este trabajo tenemos la intención de investigar los matices ideológicos que subyacen al surgimiento de lo que llamamos una "nueva derecha" en Brasil, que es la constituida por los actores que hoy conforman los marcos de acción política, pero que se proyecta hacia un horizonte de un futuro más lejano, dada la generación que integran es decir la juventud de hoy. Para eso, se utilizaron los datos del "Proyecto Residente: Observatorio de las relaciones entre los jóvenes, la historia y la política en América Latina" que tiene entre sus objetivos buscar elementos para fundamentar las reflexiones sobre la cultura histórica y la cultura política de los jóvenes latinos americanos. Para esta propuesta, el objetivo fue comprender cómo se caracterizan los grupos de la derecha del espectro político en nuestro material; como los jóvenes identificaron - desde el uso de la brújula política - como "derecha autoritaria" y "derecha democrática" tomar posición sobre algunas cuestiones políticas, económicas y sociales delicadas y cuáles son los medios de acción política que estos jóvenes pretenden integrar. Los resultados muestran que los elementos de largo plazo están relacionados con el posicionamiento de los jóvenes. La mayoría de ellos tienden a tener una posición democrática. El perfil general de las derechas es el de hombres, clases medias, religiosas, nacionalistas y adscritas a la institución familiar. Las derechas como pudimos constatar son bastante plurales y el posicionamiento dentro de este espectro político puede variar a pesar del fuerte apego a las instituciones tradicionales y jerárquicas.

Palabras clave: posición política. Cultura política. Joven. Derecha.

Referências

AARÃO REIS, Daniel. A extrema-direita brasileira: uma concepção política autoritária em formação. **Anuario Escuela de Historia**, v. 32, p. 01-24, 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 330 p.

BAQUERO, Marcello. Cultura Política Participativa e desconsolidação democrática: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. **São Paulo em Perspectiva**, v. 15, n. 4, p. 98-104, 2001.

BAROM, Wilian Carlos Cipriani. Entre estereótipos virtuais e vida prática: uma proposta metodológica de correlação de ideias históricas. Em: Seminário Internacional de Didática da História, 12. 2021, Ponta Grossa. **Anais** [...]. Ponta Grossa, 2021, p. 184-200.

BOBBIO, Norberto. **Direita e esquerda**: razões e significados de urna distinção política. Trad. Marco Aurélio Nogueira. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1995.

BORBA, Rodrigo. Disgusting politics: circuits of affects and the making of Bolsonaro. **Social Semiotics**, ago. 2020. DOI: 10.1080/10350330.2020.1810554

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. Nacionalismo no centro e na periferia do capitalismo. **Estudo avançados**, v. 22, n. 62, p. 171-193, 2008.

CÊPEDA, Vera Alves. A Nova Direita no Brasil: contextos e matrizes conceituais. **Mediações**, Londrina, v. 23, n. 2, p. 75-122, mai./ago. 2018.

CERRI, Luís Fernando. CERVI, Emerson Urizzi. Socialização histórico-política de jovens brasileiros: existe relação entre concepções de história e posicionamento político? (no prelo).

CHALOUB, Jorge; PERLATTO, Fernando. Intelectuais da 'nova direita' brasileira: ideias, retórica e prática política. **Insight Inteligência**. Rio de Janeiro, v. 1, p. 25-42, 2016. Disponível em: <https://insightinteligencia.com.br/a-nova-direita-brasileira-ideias-retorica-e-pratica-politica/> Acesso em: 04 fev. 2021.

CÂMARA DOS DEPUTADOS. Frente Parlamentar Evangélica do Congresso Nacional. **Câmara dos Deputados**, 17 abr. 2019. Disponível em: https://www.camara.leg.br/internet/deputado/frenteDetalhe.asp?id=54010. Acesso em: 21 out. 2020.

_____. Deputados eleitos em 2018 por Sexo. **Câmara dos Deputados**, 2019b. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/composicaocamara2019/index.html#text6>. Acesso em: 01 dez. 2020.

CNJ. Monitoramento da Política Judiciária Nacional de Enfrentamento à Violência contra as Mulheres. **Conselho Nacional de Justiça**, 2020. Disponível em: https://paineis.cnj.jus.br/QvAJAXZfc/opendoc.htm?document=qvw_l%5Cpainelcnj.qvw&host=QVS%40neodimio03&anonymous=true&sheet=shVDResumo. Acesso em: 12 out. 2020.

CRUZ, Matheus Mendanha; CERRI, Luís Fernando. Cultura Política e Cultura Histórica: o posicionamento de jovens dos Campos Gerais/PR acerca do retorno do modelo implantado em 1964. **Revista Ateliê de História**, v. 3, p. 143-160, 2018.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 9, n. 23, jan./abr., p. 72-84, 1995.

GOV.BR. Indicadores Educacionais. **Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira**, [s/d.]. Disponível em: http://portal.inep.gov.br/indicadores-educacionais. Acesso em: 10 jun. 2020.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Tradução de Celia Paoli, Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990, 230 p.

HRW. Brasil: Justiça negada a vítimas de violência doméstica. **Humans Right Watch**, 21 jun. 2017. Disponível em: https://www.hrw.org/pt/news/2017/06/21/305307. Acesso em: 21 out. 2020.

IBGE. Censo Demográfico 2010 - Características Gerais da População, Religião e Pessoas com deficiência. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Censo demogr., Rio de Janeiro, p.1-215, 2010. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf. Acesso em: 17 out. 2020.

KALIL, Isabela. Who are Jair Bolsonaro's voters and what they believe. **Center for Urban Ethnography**, São Paulo, v. 3, p. 1-43, Nov. 2018.

MASON, Lilliana. Ideologues without issues. The polarizing consequences of ideological identities. **Public Opinion Quarterly**, v. 82, ed. especial, p. 280–301, 2018.

MERCADANTE, Paulo. **A consciência conservadora no Brasil**: contribuição ao estudo da formação brasileira. 3a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

MIRANDA, João Elter Borges. Existe uma Nova Direita no Brasil contemporâneo? In: SANTOS, Mayara Ap. Machado Balestro do; MIRANDA, João Elter Borges (orgs.). **Nova Direita, Bolsonarismo e Fascismo**: reflexões sobre o Brasil contemporâneo. Ponta Grossa: Texto e Contexto, 2020, p. 31-46.

OBSERVATÓRIO DAS ELEIÇÕES. Aumentam as menções a títulos militares e religiosos nas urnas em 2020. **UOL**, 30 set. 2020. Disponível em: https://noticias.uol.com.br/colunas/observatorio-das-eleicoes/2020/09/30/aumentam-as-mencoes-a-titulos-militares-e-religiosos-nas-urnas-em-2020.htm. Acesso em: 12 out. 2020.

PIERUCCI, Antônio Flávio. As bases da nova direita. **Novos Estudos**, n. 19, p. 26-45, dez. 1987.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana; SCALCO, Lucia Mury. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. Em: GALLEGO, Esther Solano. **O ódio como política**: reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.

_____; _____. From hope to hate: the rise of conservative subjectivity in Brazil. **The Society for Ethnographic Theory**, v. 10, n. 1, p. 1-24, 2020.

PROJETO RESIDENTE. Observatório das relações entre jovens, história e política e América Latina. **Grupo de Estudos em Didática da História**, 2020. Disponível em: https://www2.uepg.br/gedhi/projeto-residente/. Acessado em: 14 out. 2020.

RADMANN, Elis Rejane Heinemann. O eleitor brasileiro: uma análise do comportamento eleitoral. 2001. 285 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Política) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: *think tanks* de direita na América Latina. Em: CRUZ, Sebastião Velasco; KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (orgs.). **Direita, volver!** O retorno da direita e o ciclo político brasileiro. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, p. 261-278.

THE POLITICAL COMPASS. This website copyright © **PACE NEWS LTD**., 2001-2021. Disponível em: https://www.politicalcompass.org/. Acessado em: 12 out. 2020.

TSE. Brasil tem 16,4 milhões de filiados a partidos políticos. **Tribunal Superior Eleitoral**, 13 jul. 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/imprensa/noticias-tse/2020/Julho/brasil-tem-16-4-milhoes-de-filiados-a-partidos-politicos>. Acesso em: 02 dez. 2020.

SOBRE OS AUTORES

Giuvane de Souza Klüppel é mestrando em Linguagem, Identidade e Subjetividade pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

Matheus Mendanha Cruz é mestre em História, cultura e identidades pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG); docente da Secretaria de Educação do Estado de Santa Catarina (SEDE/SC), na EEB Manoel Estêvão Furtado, Papanduva-SC.

Luís Fernando Cerri é doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP); docente da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), Campus Uvaranas.

Recebido em 18/03/2021

Aceito em 21/04/2021